

A ILHA DOS MULATOS, DE SERGIO RAIMUNDO: TEMAS, VOZES E CONSTRUÇÃO ESTÉTICA¹

Maria Geralda de Miranda

Resumo: Este ensaio tem como objeto refletir sobre a obra *A ilha dos mulatos*, do escritor moçambicano, Sergio Raimundo. O ensaio está organizado em duas partes. Na primeira, buscou-se entender o sistema narrativo do romance, como espaço, tempo, enredo, personagens, e como estas últimas se inserem no espaço-tempo. Na segunda parte, a partir do diálogo com alguns estudos de Literatura e, especialmente, da Literatura de Moçambique, buscou-se pensar sobre a temática, bem como sobre as vozes e a construção estética do romance. Concluiu-se que, quanto às temáticas tratadas na obra, a questão ambiental, a intolerância às minorias e às pessoas especiais se destacam, entre os outros temas. E que o saber comunicado na obra, por meio de várias vozes, é realizado com muita criatividade pelo escritor.

Palavras-chave: Literatura moçambicana. Sergio Raimundo. A ilha dos mulatos. Ilha de Moçambique. Questões climáticas.

Abstract: This essay aims to reflect on the work *The island of mulattos*, by the Mozambican writer, Sergio Raimundo. The essay is organized in two parts. In the first, we sought to understand the narrative system of the novel, such as space, time, plot, characters, and how the latter are part of space-time. In the second part, from the dialogue with some studies of Literature and, especially, of the Literature of Mozambique, we sought to think about the theme, as well as about the voices and aesthetic construction of the novel. It was concluded that regarding the themes dealt with in the work, the environmental issue and intolerance to minorities and special people stand out, among other topics. And that the knowledge communicated in the work, through various voices, is carried out with great creativity by the writer.

Keywords: Mozambican literature. Sergio Raymond. Mulatto island. Island of Mozambique. Climate issues.

1 Título em língua estrangeira: "*The Island of Mulattos*, by Sergio Raimundo: Themes, Voices and Aesthetic Construction".

Introdução

Este trabalho visa refletir sobre a obra *A ilha dos mulatos*, do escritor moçambicano, Sergio Raimundo, nascido em Maputo em 1992. Trata do seu primeiro romance, publicado em 2019. O autor que sempre escreveu e publicou textos na qualidade de colunista, em jornais nacionais e internacionais, iniciou a arte da escrita literária, primeiro como poeta, quando lançou o livro *Avental de um Poeta Doméstico*, em 2015, depois como romancista, com a obra que é objeto deste estudo.

O escritor, que ficou conhecido pelo pseudónimo de poeta militar, possui também uma pequena coleção de poesias, publicada sob o heterónimo de René Peter, denominada *Síntese e Fragmentos da Emoção*. Além de outros textos em prosa e em verso em antologias de escritores de diversas partes do mundo (MASSACOLA, 2021).

A obra *A ilha dos mulatos* recebeu o Prémio Literário da Imprensa Nacional de Moçambique, INCM/Eugénio Lisboa, em 2019. A premiação, em homenagem ao escritor moçambicano Eugénio Lisboa, visa dar visibilidade a obras inéditas e relevantes no domínio da prosa literária de escritores moçambicanos e também escritores estrangeiros que residem no país (INCM, 2022). Em 2021, a editora da

Imprensa Nacional de Portugal, em Portugal, lançou a segunda edição da obra, que teve e continua tendo uma grande repercussão, tanto pela temática, quanto pelos expedientes estéticos usados pelo autor.

Ao ler o texto do poeta-prosador de Sergio Raimundo, a autora deste ensaio sentiu-se impelida a revisitar Roland Barthes (teórico francês, que continua sendo para ela uma referência para os estudos da literatura). Diz o autor, ao se referir à literatura: “as palavras não são mais concebidas ilusoriamente como simples instrumentos, são lançadas como projeções, explosões, vibrações, maquinarias, sabores: a escritura faz do saber uma festa” (BARTHES, 1995, p. 21).

De fato, o texto de Sergio Raimundo faz do seu saber histórico, literário, ambiental, social, humanístico uma festa, porque traz à tona todos esses saberes, por meio de uma escrita poética, mas também explosiva, ao criar uma ilha (*A Ilha dos mulatos*) e nela colocar uma família e, por meio desta, discutir os sérios problemas ambientais da atualidade, bem como preconceitos e intolerância às minorias e às pessoas especiais.

O ensaio está organizado em duas partes. Na primeira, buscou-se entender o sistema narrativo do texto, como espaço, tempo, enredo, personagens, e como estas últimas

se inserem no espaço. Na segunda parte, a partir do diálogo com alguns estudos da Literatura e, especialmente, da Literatura de Moçambique, buscou-se pensar sobre a temática, bem como sobre as vozes e a construção estética do romance.

A construção da Ilha fictícia dos mulatos

A ilha dos mulatos, do jornalista e escritor moçambicano, Sergio Raimundo, também remeteu esta autora ao escritor português José Saramago. Foi impossível não estabelecer relações tanto no nível da mensagem (conteúdo) quanto do ponto de vista estético (forma), com o *Conto da ilha desconhecida*, do escritor português. Aliás, Sergio Raimundo não esconde a relação de sua ilha (*A ilha dos mulatos*) com a ilha desconhecida, de José Saramago, ao trazer logo para epígrafe de seu livro um fragmento deste: “É preciso sair da ilha, para ver a ilha, não nos vemos se não saímos de nós” (RAIMUNDO, 2020, p. 9).

A ação da história contada por Sergio Raimundo se passa em uma ilha, a Ilha de Moçambique, na província de Nampula, localizada na costa oriental africana e banhada pelo Oceano Índico, onde os portugueses fixaram a primeira capital moçambicana. Ocorre que a ilha por razões geográficas, mas principalmente por razões climáticas (o aumento do nível

do mar), tem diminuído o seu tamanho a cada dia. Alguns prédios históricos como a Fortaleza de São Sebastião e a Capela da Nossa Senhora de Baluarte, quase não se avistam mais. Os moradores da ilha vivem a angústia de, em breve, a ilha desaparecer.

A Ilha de Moçambique foi sendo comida pelas águas do mar aos poucos. O silêncio começou a habitar toda a Ilha; já não era uma ilha, mas sim uma ruína de pedras gastas pela água do mar e lapidadas pelas mãos do vento. [...] Da porta branca da Fortaleza de São Sebastião restava apenas um pilar que tinha mais ferros que cimento. [...] O branco da Capela da Nossa Senhora de Baluarte só existia na mente de quem conheceu a Ilha. (RAIMUNDO, 2020, p. 11-12)

A Ilha de Moçambique², recriada ficcionalmente no romance, recebeu o selo da Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (UNESCO), em 1991, como Património Mundial da Humanidade, por causa de vários monumentos de valor histórico como a Capela de Nossa Senhora do Baluarte, datada de 1522 e a Fortaleza de São Sebastião, a maior da África Austral, erguidas entre 1588 e 1620 (UCCLA, 2022). O autor, por seu turno, pega como

2 Vasco da Gama aportou na Ilha de Moçambique, em 1498, quando ela estava subordinada ao sultão de Zanzibar e era utilizada pelos árabes no seu comércio com o Mar Vermelho, a Pérsia, a Índia e as ilhas do Índico. Graças à sua situação geográfica estratégica, a cidade tornou-se um ponto de escala obrigatório das viagens de ida e volta dos navios da Carreira da Índia, entre Lisboa e Goa, e proveitoso entreposto comercial de escravos. O interesse revelado por outras potências europeias justificou a construção do seu vasto e valioso património arquitetónico, que começou a ser erguido ainda em 1507 (UCCLA, 2023).

empréstimo este lugar, de grande importância histórica, e nele edifica a sua *Ilha dos mulatos*. O tempo da história, ainda que descrito como verbos no passado, é um tempo contemporâneo, apesar de não ser demarcado por uma data ou datas específicas, mas os problemas vividos pelas personagens no espaço-tempo localizam a obra no aqui e agora do enunciado, que é o tempo das preocupações com o clima do planeta e com a elevação do nível do mar, o que para as cidades insulares é hoje uma ameaça real.

O enredo criado pelo autor coloca no Centro de sua ilha fictícia, que está sendo tomada pelo mar, uma família de lusodescendentes, mulatos, mas rodeados pelos habitantes pretos da etnia macua³, que residiam no local, antes da colonização portuguesa em Moçambique, e na história de Sergio Raimundo, antes dos mulatos, que passaram a existir após o “cruzamento” entre pretos e brancos colonizadores. A personagem Aziza, no fragmento abaixo, alude à descendência da família:

Contava-me o meu pai que os meus bisavós eram portugueses que quando chegaram à Ilha misturaram-se com negras vindas de diversas partes do país. Senão fossemos portugueses, que davam canoas e levavam outros portugueses, fracos e sem nenhuma

3 O povo macua é descendente de um grande povo Banto originário da região centro-africana (grandes lagos), ou seja, das grandes florestas congolosas, que se migraram para a região da África Austral a procura de terras férteis (SEFANE & KENNEDY, 2021).

condição social para as colónias, tenho a certeza de que a esta hora não estaria esperando por um comandante que cheira a fezes. (RAIMUNDO, 2019, p. 76)

A família de mulatos é composta por cinco pessoas: o pai Gaudêncio, a mãe Eleutéria, a filha Aziza, os dois filhos: Acácio e Cecílio, mas na casa vivem seis, porque a empregada, a Macua, sempre viveu com a família. Somente os personagens da família de mulatos têm nomes, os outros são chamados pela função: por exemplo, o Comandante, ou pela etnia; a Macua.

A família de mulatos convive com muitos problemas, o que de certo modo os isolam dos outros habitantes da Ilha de Moçambique. Gaudêncio tem mal de Alzheimer, Eleutéria é surda, Acácio tem síndrome de Down; Aziza se prostitui e Cecílio é gay. Problemas esses que dificultam o relacionamento e mesmo o contato da família com o mundo externo, por causa principalmente do preconceito e outras intolerâncias aos diferentes. O contato se dá com os médicos e, no caso de Aziza, com seus amantes, entre eles, o comandante da polícia local. A personagem Eleutéria, a mãe, que é surda, revela o modo como ela vê a família:

– Ninguém merece tanto inferno dentro de casa: um filho com síndrome de Down, um marido que varreu a memória com um

ancinho de Alzheimer, uma filha que se envolve com todos os homens casados da Ilha e agora um filho gay. Um gay dentro de casa, meu Deus. Se a surdez me atingisse os olhos seria bom, pois não veria nada do tudo que vocês me fazem passar nesta casa. (RAIMUNDO, 2019, p. 68)

A narração da história é outro elemento muito interessante na obra de Sergio Raimundo. Trata-se de uma narrativa polifônica, conforme diria Bakhtin (2013). A história é contada por todos os personagens da família, e o leitor somente consegue saber quem está narrando na medida em que vai conhecendo os traços sociais e/ou fisionômicos de cada um. Nesse sentido, também lembra o modo de narrar de Saramago, que tira da narrativa as marcas discursivas de narrador e de personagens e mistura o discurso do narrador com o de personagem, o discurso direto com o indireto etc. A história, na verdade, vai avançando na medida em que cada personagem, que ao assumir a voz do narrador se apropria da palavra e acrescenta um elemento novo, que se repete na fala de outros personagens.

A personagem Gaudêncio, o pai da família de mulatos, todavia, abre e fecha a narrativa, assumindo-se como a voz narrativa principal, é a voz que enuncia as preocupações com o desaparecimento da Ilha de Moçambique. Mas, igualmente a Gaudêncio (que é um narrador morto), a filha

Aziza tem preocupações com a “diluição da Ilha no mar”. Diz Gaudêncio no início do romance:

A Ilha de Moçambique foi sendo comida pelas águas do mar aos poucos. O silêncio começou a habitar toda a Ilha; já não era uma ilha, mas sim uma ruína de pedras gastas pela água do mar e lapidadas pelas mãos do vento. A madeira velha de restos de canoas flutuava em todos os cantos como se pescasse pedaços de um tempo passado. [...] O branco da Capela da Nossa Senhora de Baluarte só existia na mente de quem conheceu a Ilha. Ainda sobrava um grão de terra na Ilha. Era nesse grão que repousavam os meus restos mortais. Era nesse grão que muitos da Ilha repousavam. (RAIMUNDO, 2019, p. 12)

No final do romance, Gaudencio volta à narração como no início da história: “O mar tinha consumido toda a Ilha [...] Da porta branca da Fortaleza de São Sebastião restava apenas um pilar [...] Era por aquela porta que a água, costurada em tecidos de ondas, se movia sem precisar de chave para entrar” (RAIMUNDO, 2019, p. 137).

Aziza, que *é formada em História* (mas que nunca conseguiu emprego na área e se prostitui para conseguir dinheiro) tinha consciência ambiental, como o seu pai morto. Em um diálogo com ele, afirma: “A Ilha corre o risco de desaparecer daqui a alguns anos. Por causa das alterações climáticas. [...] Sempre que o mar enche

demasiado, as *águas* têm invadido parte da cidade. [...] e a erosão costeira também tem aumentado”. E mais à frente, Aziza diz:

O Fortim de Santo António a cada dia desce ao mar [...] E talvez sejamos nós os *últimos* habitantes da Ilha. A subida do nível do mar, a diminuição da quantidade de sedimentos fornecidos ao litoral e a degradação antropogênica das estruturas naturais são os principais músculos que a cada dia nos roubam a Ilha, pai. (RAIMUNDO, 2019, p. 97)

Aziza reitera suas preocupações ambientais ao mesmo tempo em que traz um dado histórico referente à escravidão na Ilha de Moçambique (que era um interposto do comércio de escravos do século XVI ao século XIX), o que converge com a Ilha dos mulatos: “Nojenta é a casa dos escravos que a cada dia se deixa comer pelas águas. Talvez seja um acerto de contas, pois foi pela porta dessa casa que muitos escravos foram cuspidos e comidos pelas ondas do mar em negreiros”. E segue Aziza: “Nojenta é a Ilha que um dia qualquer vai desaparecer [...] Nojentos são os escravos que eram guardados num período [...] com o objetivo de recuperá-los e nutri-los antes de serem vendidos aos mercadores” (RAIMUNDO, 2019, p. 104).

A questão ambiental parece preocupar principalmente Gaudêncio e Aziza. Mas as personagens ao usar a palavra vão

expondo seus dramas e preconceitos, uns em relação aos outros, o que nos leva à segunda temática do romance, que é a intolerância aos diferentes. A Personagem Macua se refere à Aziza, em conversa com Eleutéria, do seguinte modo:

Senhora, a Aziza é uma mulher que se vende a todos os homens da Ilha. Eu tenho a certeza. Ela se vende muito, muito e muito [...]. Depois ela vai dizer que eu é que sou a mulher que se vende. Eu aprendi nos ritos de iniciação a conservar o meu corpo até encontrar um homem para me casar. (RAIMUNDO, 2020, p. 77)

Acacio, o filho mais novo, com síndrome de Down, e que só tinha a atenção da Macua, em sua narração, expõe a indiferença que as pessoas da própria família sentiam por ele:

Na Ilha ninguém gostava de mim, aliás, o desprezo, o tratamento que outras famílias davam aos cães e gatos, em casa era empurrado para mim em excesso. Nada do que fazia despertava um interesse em minha família.

– Miúdo, não mexas nisso senão estragas. Por que não vais brincar lá fora sozinho. Não, não mexas no vaso e nem tires as flores, deixa o relógio na parede. (RAIMUNDO, 2020, p. 47)

Também o pai, Gaudêncio, se refere a Acacio de maneira preconceituosa: “Onde a Eleutéria arranhou esse pivete de membros curtos, de dedo curto que apontava aos carros da polícia? Por que carga de água a Eleutéria não diz de uma só

vez que os meus filhos são o Cecí e a Aziza?” (RAIMUNDO, 2020, p. 44). Aziza, a mais esclarecida, por seu turno, também tinha seus preconceitos, neste caso, contra homossexuais:

Meu Deus, pensei, a homossexualidade já atingiu a Ilha? [...] A homossexualidade dá nojo. [...] Esses macuas não toleram essa coisa de homossexualidade. Como podem tolerar se, bem cedo, ainda sem pelos nas axilas, são empacotados em grupinhos para os ritos de iniciação e aprendem que a tarefa do homem é ser satisfeito e nunca deixa de satisfazer uma mulher; porque a mulher é um objeto, uma peça sem grande importância no sexo. (RAIMUNDO, 2020, p. 81)

Com a falta de apoio em casa (na ilha metafórica dos mulatos) e na Ilha de Moçambique (espaço maior da diegese da obra), Cecilio se vê obrigado a mudar-se para Maputo: “Naquela manhã, o meu irmão Cecílio preparavase para partir para a cidade de Maputo. Estava desorganizado, mas tinha de partir porque o autocarro já o esperava no terminal na cidade de Nampula” (RAIMUNDO, 2020, p. 32). Cecilio, na verdade, se recusa a ficar no isolamento da ilha dos mulatos, ao ir viver em Maputo, o que significa que ele poderá olhar a sua antiga ilha fora dela.

O tema, as vozes e a construção estética

Não resta dúvida de que a primeira temática tratada na obra de Sergio Raimundo é o problema ambiental e

a fragilidade das cidades insulares com a subida do nível do mar. A Ilha de Moçambique está localizada no Oceano Índico onde, conforme pesquisas recentes muitas ilhas, entre elas as Maldivas, irão desaparecer em razão do aquecimento global. Estudos da mudança da linha costeira das Ilhas Salomão, no Oceano Pacífico, indicam a elevação do nível do mar.

We have documented five vegetated reef islands (1–5 ha in size) that have recently vanished and a further six islands experiencing severe shoreline recession. Shoreline recession at two sites has destroyed villages that have existed since at least 1935, leading to community relocations. The large range of erosion severity on the islands in this study highlights the critical need to understand the complex interplay between the projected accelerating sea-level rise, other changes in global climate such as winds and waves, and local tectonics, to guide future adaptation planning and minimize social impacts⁴. (ALBERT; LEON; GRINHAM; CHURCH; GIBBES; WOODROMON, 2016, p. 8)

O autor, não resta dúvida, deseja no nível de conteúdo, expor essa problemática ambiental, colocando a ação

4 Tradução livre do fragmento: Documentamos cinco ilhas de recifes com vegetação (de 1 a 5 ha de tamanho) que desapareceram recentemente e outras seis ilhas experimentando recessão severa na linha costeira. A recessão costeira em dois locais destruiu vilarejos que existiam desde pelo menos 1935, levando à realocação da comunidade. Este estudo em razão da gravidade da erosão nas ilhas destaca a necessidade crítica de entender a complexa interação entre o aumento acelerado do nível do mar projetado, outras mudanças no clima global, como ventos e ondas, e tectônica local, para orientar o futuro planejamento de adaptação e minimizar os impactos sociais (ALBERT; LEON; GRINHAM; CHURCH; GIBBES; WOODROMON, 2016, p. 8).

narrativa de sua história em uma ilha que tem sofrido a erosão paulatina por causa da subida do nível do mar.

A segunda temática tratada no romance é o dilema da intolerância, das minorias e pessoas especiais, que são isoladas numa espécie de ilha, no caso do romance, a Ilha dos mulatos, por causa do preconceito e de tradições culturais muitas vezes carregadas de preconceitos, o que leva mesmo ao ódio ao diferente, conforme desabafo do personagem Ceci, no primeiro fragmento e de Eleutéria no segundo.

Eu voltarei à Ilha, mãe. E sei que sentirão vergonha de mim, porque um filho gay, dentro de casa, meu Deus, pesa tal como uma trouxa de desastres nos olhos. Irão impedir-me de sair de casa, levar-me-ão à mesquita para longas secções de orações compimentos de jejum, far-me-ão passar noites de joelhos entornados num altar onde um padre prega e ora pela minha salvação. (RAIMUNDO, 2020, p. 68)

Se não me tivesse casado com Gaudêncio talvez estivesse, neste momento, na cidade de Tete com um dos namorados que conheci na adolescência. Não estaria surda, não teria um marido com o fusível da memória apagado [...] Se não me tivesse casado com Gaudêncio talvez não acabasse os últimos dias da minha vida nessa ilha de pretinhos que cospem quando veem uma mulata [...] Talvez estivesse na cidade de Tete, debaixo daquele tenso sol, com uma sombrinha escondendo-me do sol, e com a

mão esquerda segurando umas duas, três, quatro, cinco crianças normais. (RAIMUNDO, 2020, p. 53-54)

No primeiro fragmento, Ceci expõe a incompatibilidade de um gay viver na ilha onde a maioria das pessoas (de religião mulçumana) vêem o relacionamento afetivo apenas como ato de procriação. No caso de Ceci, nem Aziza, a personagem com maior esclarecimento, porque cursou uma universidade, aceita a sua condição. No segundo fragmento, a mãe, Eleutéria, mulata, não esconde o seu preconceito contra os pretos da ilha, que também, por sua vez, não aceitam os mulatos. Outros fragmentos já citados mostram os dramas de Acacio, desprezado pela família, mas principalmente por Aziza por causa da síndrome de Down, diz Aziza: “Nunca gostei desse rapaz, não sei os motivos e, por favor, não me perguntem. Não sabe o nojo que me dá quando vem correndo a mim com a sua boca transbordando bolhas de saliva” (RAIMUNDO, 2020, p. 41). Apesar de não tolerar o irmão com síndrome de Down, Aziza conhece o seu estado clínico:

Normalmente, os humanos apresentam em suas células 46 cromossomos, que usam em 23 pares. Crianças com síndrome de Down têm 47 cromossomos, pois tem três cópias do cromossomo 21, ao invés de duas. São crianças insuportáveis com

problemas cardíacos congênitos, problemas respiratórios, doença do refluxo esofágico e apneia do sono. Tenho nojo de ti, Acácio. Nojo de todos com síndrome de Down. (RAIMUNDO, 2020, p. 131)

A violência urbana também aparece no romance; há na história o assassinato de 26 pessoas, cujos corpos foram colocados em frente ao posto de saúde. E também, por causa do assassinato do próprio comandante e de sua esposa, sendo esta última queimada juntamente com a casa da família. O massacre das 26 pessoas, todavia, leva o Comandante da polícia a fazer uma investigação, momento em que a narrativa fica com “ares” de romance policial, uma vez que o narrador mantém o suspense, há um enigma sobre o crime, sobre as vítimas, há o investigador e uma única pista, que é um saco de fezes deixado ao lado dos corpos das vítimas. Tais pistas levam o investigador a analisar a “bosta” de todos os moradores da ilha, momento em que a narrativa fica bastante cômica e provoca um distensionamento no leitor. Mas o investigador, que é o comandante da polícia e amante de Aziza, bem como a sua família, morrem antes de terminar a investigação, de modo que a questão policial e investigativa não têm desdobramento.

Um dia antes de sabermos quem matou as 26 pessoas, a casa do comandante foi incendiada, sua esposa violada e espetada

uma faca na barriga e o senhor comandante, coitadinho dele, foi varrido da terra por chamas na esquadra. O fogo foi posto por uma mão que não se viu. [...] Toda a Ilha dormia. (RAIMUNDO, 2022, p. 124)

No sistema narrativo da obra, todos os personagens da família, quando na função de narradores-personagem, ao fazer avançar a ação narrativa se referem uns aos outros, momento em que expõem os seus próprios preconceitos, de modo que é possível saber o que cada um pensa do outro. É como se a narrativa os colocasse “nus”, diante do leitor. Eleutéria, no primeiro fragmento e Aziza no segundo se referem assim à Macua:

E a macua que nos serve de empregada? [...] A macua que sempre falou baixo por conta de um respeito coxo com o corcunda de um ancião, ela que sempre disse o ‘bom dia’ [...] que antes de mim já era surda, [...] ela que pouco sabe entender os jeitos e desconhece as minhocas do alfabeto, ela que passa as noites murmurando com o Gaudêncio nos corredores de casa eleva horas para engomar assuas camisas. (RAIMUNDO, 2020, p. 25)

Mãe, esta empregada não presta! De noite curva-se aos beijos com o pai. Uma vez, quando voltava das minhas pesquisas, encontrei-os no tanque na posição dela vara roupa e tremendo de gemidos. É uma vadia, mãe. [...] um dia ainda me leva o namorado que ainda não tenho. (RAIMUNDO, 20220, p. 26)

Há momentos em que as personagens se referem a si mesmos, numa espécie de balanço da própria vida, em que deixam transparecer os seus preconceitos, como é o caso de Eleutéria, e a confissão “de uso” da Macua por parte de Gaudêncio:

Se não me tivesse casado com Gaudêncio talvez estivesse [...] surda, não teria um marido com o fusível da memória apagado [...] talvez não acabasse os últimos dias da minha vida nessa ilha de pretinhos que cospem quando veem uma mulata [...] Talvez estivesse na cidade de Tete, debaixo daquele tenso sol, com uma sombrinha escondendo-me do sol, e com a mão esquerda segurando umas duas, três, quatro, cinco crianças normais. (RAIMUNDO, 2020, p. 53-54)

Eleutéria não esconde os seus preconceitos contra os pretos da Ilha de Moçambique e também fala de “crianças normais”, numa referência a seus filhos que ela, por dedução do leitor, considera anormais. *Gaudêncio*, por seu turno, era amante da empregada da casa, o que não foge ao comportamento de homens educados para a “monogamia”.

A macua foi sempre uma peça a ter em conta dentro de casa. [...] A primeira vez que a possuí, recordo-me como se fosse hoje, chovia em toda a Ilha e os relúmpagos tatuavam suas raízes em todos os vidros das janelas; eram mais raízes de chuva que relâmpagos. Foi antes desse corte que o tempo me fez com o passado, a [...] Alzheimer entrou-me na mente, lentamente [...], como

os passos gastando a pele das escadas. É algo que não se sente. (RAIMUNDO, 2020, p. 89)

Mas mesmo quando se referem a si mesmos, obviamente, sejam na função de personagens ou de narradores, essas vozes assumem o caráter das visões de mundo ou percepções realizadas por meio do discurso. Na narrativa de Sergio Raimundo, não há dicotomia entre personagens bons e maus, porque as feridas, bem como os valores e os atos de todos vão sendo revelados. As vozes são sociais, são pontos de vista que estabelecem relações entre línguas, dialetos, discursos, etc (BARROS; FIORIN, 2003).

Conforme Leite (2012, p. 42), “a língua é um receptáculo de vozes transfiguradas na escrita do autor. É ainda um modo como pensam essas vozes e procura ajustar tal processo comunicante, refletindo e construindo, criativa e ludicamente”, em que os sentidos recuperam a expressividade e a dinâmica de uma significação mais vital e ampla.

No romance de Sergio Raimundo, as várias vozes enunciativas vão costurando um mosaico de saberes e contradições. Como disse Leite (2012), ao estudar a obra de Mia Couto (mas penso que também se aplica à escrita romanesca de Sergio Raimundo): “de forma indelével, da palavra à frase e da frase ao parágrafo, finalmente deste à

narrativa, seguimos um processo criativo complexo, embora aparentemente normal” (LEITE, 2012, p. 42). “O silêncio começou a habitar toda a Ilha; já não era uma ilha, mas sim uma ruína de pedras gastas pela água do mar e lapidadas pelo vento. A madeira velha de restos de canoas flutuava em todos os cantos como se pescasse pedaços de um tempo passado” (RAIMUNDO, 2019, p. 13).

O fato de um morto narrar a história é também um elemento a ser considerado, quando se discute as vozes e o discurso no romance: “Vou moderar a linguagem; falar como se fosse vivo. As ervas, os lagartos de cabeças multicores e a cal gasta pelo tempo tomavam toda a minha sepultura” (RAIMUNDO, 2019, p. 13).

Nesse fragmento, o narrador afirma que está morto e que vai contar a história como se estivesse vivo, o que nos leva a pensar em elementos mágicos na Literatura Fantástica, em razão da presença de elementos insólitos. Covizzi afirma que “não é o insólito um novo atributo da arte contemporânea, pois ele é uma característica que está na própria condição do ser fictício” (COVIZZI apud GARCIA, 2019, p. 29), mas pondera que “ele passou a ser o elemento determinante de que nos utilizamos para ressaltar as transformações que a ficção vem sofrendo ao longo do

século XX” (1978, p. 29). Nesse sentido, tem razão Covizzi (1978) e Garcia (2019) ao ressaltar essa tendência na ficção contemporânea, e, especialmente, da ficção moçambicana contemporânea, uma vez que Mia Couto, Paulina Chiziane, entre outros escrevem nessa dicção. E Sergio Raimundo vem somar-se a essa escrita “mágica”, como diria Carmen Tindó, em *A magia das Letras Africanas* (2016).

Conclusão

Para fechar este ensaio é importante voltar à epígrafe do livro, de Sergio Raimundo, que diz: “É preciso sair da ilha para ver a ilha. Não nos vemos senão saímos de nós”, o que coloca o texto do moçambicano em diálogo como o texto de José Saramago. Como afirma Bakhtin (2000), o diálogo é condição da linguagem e do discurso, os textos são resultados de muitas vozes sociais. Tais diálogos “podem, no entanto, produzir efeitos de polifonia, quando essas vozes, ou algumas delas, se deixam escutar, ou de monofonia, quando o diálogo é mascarado e uma voz, apenas, se faz ouvir” (BARROS & FIORIN, 2003). No romance de Sergio Raimundo essas vozes se deixam escutar e cada uma comunica uma maneira de ver e de estar em sua Ilha, onde a palavra franqueada a cada personagem, que também são narradores, pode ser um exercício de sair da ilha, na medida em que cada um expõe

os seus dramas e preconceitos no decorrer do romance, talvez na busca do conhecer-se.

No *Conto da ilha desconhecida*, de José Saramago, há uma busca constante do autoconhecimento, tanto do homem como da mulher da limpeza. “Tal busca é comparada às navegações, pois é preciso esforço e tempo para chegarmos a quem realmente somos” (GEBRA, 2023), mas na *Ilha dos mulatos*, de Sergio Raimundo, a busca não é apenas pelo autoconhecimento das personagens, mas para o entendimento das razões do isolamento da família de mulatos numa ilha, a Ilha de Moçambique, em que as respostas são várias, mas a intolerância aos diferentes (minorias e pessoas especiais) é que parece ser o principal motivo do isolamento, uma vez que a maioria dos moradores da Ilha de Moçambique (pretos e mulçumanos) é diferente da família de mulatos. Todavia o que coloca em diálogo os textos de Saramago e de Raimundo (no plano da enunciação da obra) é a tentativa de cada personagem sair de sua própria ilha de crenças e de preconceitos.

Com efeito, *A Ilha dos mulatos*, criada pelo autor, está localizada espacialmente em uma Ilha maior que a Ilha de Moçambique, onde os problemas climáticos, por causa do aumento do nível do mar, fazem com que os seus habitantes

vivam um problema maior, que é a preocupação com o desaparecimento da Ilha. Preocupação esta que é constante no texto, seja na voz do narrador Gaudêncio, seja na voz de Aziza, o que leva a deduzir que as inquietações da família de mulatos com as questões ambientais sinalizam para uma saída metafórica da ilha dos mulatos, uma vez que as preocupações dos personagens é com uma ilha maior, a Ilha de Moçambique.

A construção discursiva da *Ilha dos mulatos*, de fato, como diria Barthes (1995) faz da escritura uma festa, porque encena saberes históricos e contemporâneos e traz para a cena além da problemática ambiental das ilhas o problema da intolerância, que obriga, na maioria das vezes, as pessoas a se isolarem como se estivessem em ilhas. Todo esse saber e fazer de Raimundo remete a Giorgio Agambem (2009, p. 59), que diz: “a contemporaneidade, portanto, é uma singular relação com o próprio tempo, que adere a este e, ao mesmo tempo, dele toma distâncias; mais precisamente, essa é *a relação com o tempo que a este adere através de uma dissociação e um anacronismo*”. E segue: “aqueles que coincidem muito plenamente com a época, que em todos os aspectos a esta aderem perfeitamente, não são contemporâneos porque, exatamente por isso, não

conseguem vê-la, não podem manter fixo o olhar sobre ela” (AGAMBEN, 2009, p. 59).

Sergio Raimundo, em seu primeiro romance, traz questões que, certamente, não acontecerão agora, mas que estabelecem “uma singular relação com o próprio tempo” como a mudança climática. O aquecimento da Terra, cujas consequências são a elevação do nível do mar, entre tantas outras, poderá levar ao desaparecimento de várias ilhas, ou quiçá, ao desaparecimento de todas as ilhas, aí incluída a Ilha de Moçambique. De modo que o escritor trata de questões para além do presente e de sua própria época “em que os fatos coincidem ou a ela aderem”, o que o torna, como diria Agambem, contemporâneo. Não resta dúvida que para as populações insulares, a subida do nível é uma verdadeira tragédia, e Raimundo ao situar a sua história em uma ilha, o seu desejo é chamar a atenção para tal problemática. A escolha do *locus* da ação do romance, a Ilha de Moçambique, bem como a escolha do núcleo familiar, a família de mulatos, e o modo como as personagens expõem seus dramas e preconceitos é uma tentativa de olhar a ilha do lado de fora, ou como diria Saramago: “É preciso sair da ilha para ver a ilha”.

Referências

- AGAMBEN, GIORGIO. *O que é o Contemporâneo?. In: O que é o Contemporâneo? e outros ensaios*. Tradução de Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó, SC: Argos, 2009.
- ALBERT, Simon; LEON, Javier; GRINHAM, Alistair; CHURCH, John A; GIBBES, Badin R.; WOODROFFE, Colin D. Interactions between sea-level rise and wave exposure on reef island dynamics in the Solomon Islands. *Environ. Res. Lett.* 11, 2016. Disponível em: <https://iopscience.iop.org/article/10.1088/1748-9326/11/5/054011>. Acesso em: 26 fev. 2023.
- BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da Linguagem*. São Paulo: Hucitec, 2000.
- BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da Poética de Dostoievski*. São Paulo: Forense, 2013.
- BARROS, Diana Luz P.; FIORIN, José Luiz. *Dialogismo, Polifonia, intertextualidade*. São Paulo: EDUSP, 2003.
- BARTHES, Roland. *Aula*. São Paulo: Cultrix, 1995.
- COVIZZI, Lenira Marques. *O insólito em Guimarães Rosa e Borges*. São Paulo: Ática, 1978.
- GARCIA, Flavio. Insólito Ficcional. Disponível em: <https://www.insolitificcional.uerj.br/insolito-ficcional/>. Acesso em: 4 mar. 2023.
- GEBRA, Fernando de Moraes. Um estudo semiótico de *O conto da ilha desconhecida* de José Saramago. PGUEL. Disponível em: <http://www.gel.hospedagemdesites.ws/estudoslinguisticos/volumes/32/htm/comunica/ci097.htm>. Acesso em: 02 mar. 2023
- MASSACOLA, Emidio. *Moçambicano Sérgio Raimundo lança “A Ilha dos Mulatos” em Portugal*, 2021. Disponível em: <https://mznews.co.mz/mocambicano-sergio-raimundo-lanca-a-ilha-dos-mulatos-em-portugal/>. Acesso: 25 fev. 2023.
- MOÇAMBIQUE. INCM. *Prémio Imprensa Nacional/Eugénio Lisboa*. 2022. Disponível em: <https://impresanacional.pt/premios-literarios/premio-imprensa-eugenio-lisboa/>. Acesso em: 2 mar. 2023.

MOÇAMBIQUE, UCCLA, 2022. *União das cidades capitais de Língua Portuguesa*. UCCLA. Disponível em: <https://www.uccla.pt/membro/ilha-de-mocambique>. Acesso em: 23 fev. 2023.

SARAMAGO, José. *O conto da ilha desconhecida*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

SEFANE, Antonio Francisco; KENNEDY, John. *As representações sociais: Etnias Moçambicanas*. Palmas: Revista Observatório. v. 7, n. 1, p. 1-15, jan./mar., 2021. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2021v7n1a7pt>. Acesso em: 28 fev. 2023.

Maria Geralda de Miranda

Professora e Pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Local da UNISUAM.

Pesquisadora do Instituto de Ciência, Tecnologia e Inovação de Maricá, ICTIM.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6730722686472778>.

ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-2461-7414>.

E-mail: mgeraldamiranda@gmail.com.